



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAL – CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO

O CORPO ENTRE O REAL E O SURREAL FOTOGRÁFICO

Luis Filipe Streb
Santa Maria, RS, Brasil

2018

LUIS FILIPE STREB

O CORPO ENTRE O REAL E O SURREAL FOTOGRÁFICO

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Graduação
em Artes Visuais – Bacharelado da
Universidade Federal de Santa Maria
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Darci Raquel Fonseca

Santa Maria, RS, Brasil

2018

LUIS FILIPE STREB

O CORPO ENTRE O REAL E O SURREAL FOTOGRÁFICO

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Graduação
em Artes Visuais – Bacharelado da
Universidade Federal de Santa Maria
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Artes Visuais.

Santa Maria, ___ de dezembro de 2018

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Karine Gomes Perez Vieira

Profª. Drª Raquel Fonseca(Orientadora)

Profª. Drª Talita Gabriela Robles Esquivel

LUIS FILIPE STREB

O CORPO ENTRE O REAL E O SURREAL FOTOGRÁFICO

Resumo: A busca por uma melhor compreensão na simbiose transformadora entre objeto e corpo desafia as dimensões nas quais o processo fotográfico pode ser visto para fora de si. É diante desse contexto que a experimentação surrealista, através da nudez como sua representação autêntica, desvela suas diversas facetas e subjetividades. Interagindo com modelos e objetos, é possível se debruçar em técnicas que transmutam percepções, questionam perspectivas preconcebidas, e ultrapassam o limítrofe da realidade, proporcionando reflexões acerca de como o ato fotográfico pode carregar em si o trivial, o contínuo, a negação do conservadorismo. Buscando inspiração em artistas como Man Ray, Kertész e Ren Hang, foram explorados variados elementos sinestésicos de composições autorais, cujos métodos de edição e fotomontagem tencionaram valorizar o surreal oriundo da imagem do corpo. As diferentes experimentações evidenciaram o quanto é relevante o papel da inserção de objetos como ferramenta de transformação, complementação e aclimatação dentro do contexto fotográfico. Além disso, a construção do entendimento de que há, sem dúvida, um aspecto intrínseco, surreal e genuíno no corpo humano foi de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa poética.

Palavras-Chave: Surrealismo. Corpo Humano. Fotografia.

LUIS FILIPE STREB

THE BODY BETWEEN THE REAL AND THE SURREAL PHOTOGRAPHIC

Abstract: The search for a better understanding of the transformative symbiosis between object and body challenges the dimensions in which the photographic process can be seen outside of itself. It is across this background that surrealistic experimentation, through nudity as its authentic representation, reveals its various facets and subjectivities. Interacting with models and objects, it is possible to focus on techniques that transmute perceptions, question preconceived perspectives, and surpass the border of reality, providing reflections on how the photographic act can bring the trivial, the continuous, the negation of conservatism. In search of inspiration in artists such as Man Ray, Kertész and Ren Hang, several synaesthetic elements of authorial compositions were explored, whose methods of editing and photomontage aimed to value the surreal from the image of the body. The different experiments showed how relevant is the role of the insertion of objects as a tool of transformation, complementation and acclimatization within the photographic context. Moreover, the construction of the understanding that there is, undoubtedly, an intrinsic, surreal and genuine aspect in the human body was of essential importance for the development of research.

Key Words: Surrealism.Human Body.,Photography.

LISTA DE IMAGENS

Fig. nº 1 - fotografia, de Guma Streb, 2015.....	8
Fig. nº 2- fotografia, de Guma Streb, 2018.....	9
Fig. nº 3 - fotografia, de Guma Streb, 2016.....	11
Fig. nº 4 - Andre Kertész. 'Distortion 38, Paris', 1993.....	12
Fig. nº 5 - Man Ray, Primazia da matéria sobre o pensamento, 1929 – Rossalin Kraus - O Fotográfico, pag. 183.....	13
Fig. nº 6 - fotografia, de Guma Streb, 2016.....	14
Fig. nº 7 - fotografia, de Guma Streb, 2016.....	17
Fig. nº 8 - fotografia, de Guma Streb, 2016.....	18
Fig. nº 9 e nº 10 - fotografias, de Guma Streb, 2017.....	20
Fig. nº 11 e nº 12 - Registros da exposição TRANSFORMO/TRANSTORNO de Guma Streb, 2018.....	22
Fig. nº 13 - Desajustes nº 1 e nº 2, de Guma Streb, 2017.....	23
Fig. nº 14 - Olho_o_olho, de Guma Streb, 2015.....	24
Fig. nº 15 - fotografia, de Guma Streb, 2015.....	25
Fig. nº 16 - fotografia, de Guma Streb, 2018.....	26
Fig. nº 17 - fotografia, de Guma Streb, 2018.....	26
Fig. nº 18 - Untitled, 2016 © Ren Hang.....	27
Fig. nº 19 - fotografia, de Guma Streb, 2018.....	30
Fig. nº 20 - fotografia, de Guma Streb, 2018.....	30
Fig. nº 21 - fotografia, de Guma Streb, 2018.....	31
Fig. nº 22 - fotografia, de Guma Streb, 2018.....	31

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS	8
INTRODUÇÃO	6
1 - SOBREPOSIÇÃO PARA MULTIPLICAÇÃO – FOTOMONTAGENS	8
2 - CORPO QUE SE VÊ – REFLEXO COMO SIMULACRO	9
3 - CORPO NU POR UMA ESTRANHEZA POÉTICA.....	15
4 - CORPO MATÉRIA – CORPO INDIVIDUO – CORPO FINITO	17
5 - DA IMAGEM À IMAGEM FOTOGRÁFICA – IMAGEM EM AÇÃO: <i>STOP MOTION – GIF</i>	19
6 - EXPOSIÇÃO – TRANSFORMO/TRANSTORNO	21
7 - CORPO INTRINSECO SURREAL.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo uma criação fotográfica centrada na surrealidade da imagem do corpo. Trata-se de uma poética de transformação para além do que a fotografia como procedimento já transforma. Com essa pesquisa sobre o corpo, cuja nudez faz a poesia da imagem, busco dar sentido a cada gesto, verificando segundo diferentes pontos de vista a pose da pessoa a ser fotografada. Para uma melhor compreensão de todo o processo, ao decorrer do desenvolvimento prático descrevi cada experimentação feita, apontando as etapas de como ocorreram todos os ensaios que foram selecionados para o presente trabalho. O corpo evidenciado pela nudez comporta uma existência de outra ordem, ou seja, o da imagem que o reinventa. Assim, este corpo feito imagem ganha múltiplas formas e aparências diversas; cada movimento representado contribui para a transfiguração do corpo real como possibilidade de um duplo requerido pela arte.

Frágil e vigoroso ao mesmo tempo, este corpo se revela no espaço fotográfico com uma força simbólica que ultrapassa a superfície da carne: ele advém forma e conteúdo na imagem fotográfica. As aparências transformadas podem causar estranheza e apresentam um cunho surrealista diferenciado da realidade. O estudo contribuiu para um entendimento mais apurado de possibilidades que podem ser desenvolvidas no campo da fotografia surrealista. Composições com modelos tanto quanto contracenando com objetos, podem ser elaboradas pensando no resultado final (pós-produção), derivado unicamente do momento clicado ou editado posteriormente.

As fotografias de nu realizadas por Man Ray, Kertész e Ren Hang serviram de referência direta durante todo o processo. Estes fotógrafos “alimentaram” meu trabalho no sentido da transfiguração dada ao corpo com as particularidades de cada um destes artistas. A partir dessa inspiração, minha poética ganha um caráter pessoal e único. Por ser um artista contemporâneo que produziu durante o meu processo, Ren Hang teve uma influência enorme sobre o que decidi desenvolver, me motivando a criar usufruindo de toda a força e subjetividade dos corpos nus, com nuances de erotismo sem que esse seja o foco. A ambiência atemporal convida para um mergulho, através do qual sigo explorando texturas, luzes e nuances sobre a

pele e neste momento de criação e ressignificações, o pensamento traz a finitude do corpo que a fotografia “salva” simbolicamente, dando-lhe um tempo indefinido.

Como o decorrer do processo percorreu por experimentos que exploraram a poética que transforma além do procedimento fotográfico (através do uso de softwares de edição), foi assim que pude perceber que a surrealidade que busquei se faz evidente no corpo em si, não necessitando de sobreposições de imagens ou do uso de outros elementos, mas sim do corpo sendo observado por si só em diferentes pontos de vista.

1 - SOBREPOSIÇÃO PARA MULTIPLICAÇÃO – FOTOMONTAGENS



Fig. nº 1 fotografia, de Guma Streb, 2015

No início desta pesquisa em fotografia, para a prática, busquei por pessoas interessadas em participar de um ensaio *'outdoor'* (a céu aberto). Em se tratando de fotografias voltadas para o nu artístico, foi bastante difícil encontrar muitas pessoas interessadas a colaborar com esta proposta. Conseguindo apenas quatro modelos, estudantes da UFSM, pude seguir com este projeto.

O ensaio foi realizado no bosque da universidade, em abril de 2015, começando por volta das 14h e terminando às 18h. Conforme o dia foi passando, a iluminação do local selecionado mudou várias vezes. O que percebi ter grande valor quando fui editar, foi a transição da luz nas fotografias realizadas. Trabalhei com a técnica da sobreposição de fotografias, para que assim eu pudesse multiplicar os modelos, permitindo a criação das composições que já haviam sido pensadas anteriormente. Com esta técnica, a imagem adquiriu a iluminação com múltiplos pontos e luz. Com a sobreposição, é como se existisse mais de um sol iluminando os modelos ao mesmo tempo, gerando um aspecto surreal perfeito para o ambiente escolhido.

Formando feixes de luz impossíveis para a realidade, esses raios de luz, passando entre os troncos e banhando os modelos em ângulos diferentes simultaneamente, compõem com os corpos, acentuando o caráter surreal desta realidade fotografada. Na Fig. nº 1 pode-se observar o resultado da sobreposição de três fotografias tiradas com um breve intervalo de tempo entre elas, proporcionando a multiplicação não só dos modelos, mas do foco de luz.



Fig. nº 2 fotografia, de Guma Streb, 2018

Na Fig. nº 2, a sobreposição é feita a partir da multiplicação de molduras, objetos escolhidos para a (re)criação da surrealidade em contraponto com o corpo nu neste ensaio. Molduras que enquadram recortes deslocados, que flutuam no ar perante o corpo que se encontra dividido por camadas dele mesmo; o corpo que se faz inteiro e mutilado enquanto matéria viva, e congelada nessa estabilidade fotográfica, torna-se presente para permanecer na existência de todos que se permitirem observa-la tornando possível o acesso à imagem; imagem que transtorna o tempo, pois nela passado, presente e futuro se condensam no instante determinante, decisivo, segundo Cartier Bresson (1952)¹, que pode se transformar com o tempo, enquanto existir somente na memória humana.

Este trabalho me leva a pensar na potencialidade da fotografia em transformar realidades e na certeza de que, antes dela, existe um imaginário que trabalha incessantemente fornecendo novas imagens. Portanto, a magia fotográfica resulta deste cruzamento que envolve a realidade com as imagens do campo imaginário, para que o ato fotográfico se concretize e nos confronte com uma realidade fotográfica surreal.

2 - CORPO QUE SE VÊ – REFLEXO COMO SIMULACRO

Como a fotografia oferece a prova de uma imanência do visível, foi observando o corpo nu, através da objetiva da câmera que a realidade vista se fez

¹ Nas próprias palavras do fotógrafo parisiense, “dentro do movimento, existe um instante no qual todos os elementos que se movem ficam em equilíbrio. A fotografia deve intervir neste instante, tornando o equilíbrio imóvel”.

imagem. Utilizando espelhos no espaço compositivo ficou evidente a estranheza que a realidade assumiria na fotografia, dando abertura para uma ambiência surrealista onde consigo retratar muito do que até então esteve somente no plano mental. O corpo se faz presente de forma transfigurada, ganha novas formas de visibilidade e ultrapassam os limites da realidade que nossos olhos estão acostumados a perceber. Neste percurso investigativo, viso inclusive retratar aspectos desconcertantes, que contribuem com a desconstrução e reconstrução dos inúmeros paradigmas do que é ser, habitar e sentir-se enquanto corpo humano.

A fig. nº 3 mostra uma realidade fotográfica que salienta a realidade tangível. Diante da realidade a ser fotografada o imaginário trabalha num intenso vai e vem que cria condições necessárias para a criação da foto. A imagem nasce perante o reflexo do espelho deixa ver apenas parte do corpo da modelo e permite ao imaginário construir uma nova imagem. Aquilo que não é visto sempre poderá ser imaginado. O corpo com suas formas orgânicas, bem marcadas, contrapõe com a rigidez das formas geométricas conseguidas pela luz rebatida com o espelho. A movimentação perante a modelo dentro do ambiente selecionado para a criação das fotografias permitiu visualizar ângulos em que o recorte pode ir além da cena selecionada unicamente através da aparência do ambiente, do reflexo e da modelo em si. Ainda que a tecnologia voltada para a fotografia digital já tenha atingido a capacidade de reprodução em altíssima qualidade, com muita facilidade, como em aparelhos celulares com câmeras com 'full hd', utilizei programas de edição (*Photoshop CS6*), para que o resultado final de algumas fotografias não ficassem com este aspecto, e assim, o olhar sobre elas não seja induzido diretamente para o agora e, dessa forma possa se desvincular do tempo em que acontece a observação da obra. A intenção foi fazer com que a aparência das fotografias lembre técnicas de revelações analógicas, que foram desenvolvidas/descobertas no início do período fotográfico surrealista. Este trabalho foi subsidiado pela tecnologia digital, que permite uma maleabilidade de uso e contribui para a criação de imagens nesta proposta onde o corpo ganha novas aparências. A iluminação ambiente é captada e retrabalhada através de processos digitais que permitem dar ênfase em determinadas áreas do espaço compositivo.



Fig. nº 3 fotografia, de Guma Streb, 2016

Todo o trabalho realizado com as fotografias obtidas marca a fronteira entre a produção documental e a sua transformação como obra específica de intenção artística. A visão do real assim manipulado propõe outra forma de beleza sugerindo ao observador que contemple todo o contexto da obra para a interpretação e compreensão da mesma sendo assim possível o encontro da subjetividade nela contida. O conteúdo que existe na obra será relacionado com a emoção que ela gera no observador, como escreveu Eliane Robert Moraes (2002), “criar por meio da imagem um efeito de sentido, fosse qual fosse, da exatidão à alucinação”; o surrealismo sempre instiga a busca por questionamentos, dos mais insanos aos mais comuns. O olhar artístico passeia sobre o corpo refletido e seu entorno onde cada captura de imagem se enriquece pela ação que ressalta o ponto de vista do fotógrafo sabendo-se que a beleza da cena a ser fotografada sempre esteve ali, esperando por um olhar atento que a confirme como beleza fotográfica.

A fotografia transforma a realidade que o fotógrafo trabalha com sensibilidade e emoção no fazer da arte fotográfica. Os corpos distorcidos do fotógrafo húngaro, Kertész exemplificam a extensão poética e a força da fotografia num tempo sem *Photoshop* e a facilidade trazida pela era digital, como revela a fotografia abaixo.



Fig. nº 4 Andre Kertesz. 'Distortion 38, Paris' 1933

Lembramos também do artista Man Ray com “Primazia da matéria sobre o pensamento” (Krauss, 2002. p.183), ou “Anatomia”, onde a figura humana surge de pontos de vista surpreendentes que mostram que existe ali um trabalho sensível que vai além do aperto de um botão próprio do procedimento mecanizado. Ainda que a tecnologia tenha facilitado de maneira imensa o processo de tratamento da fotografia, acarretando um grande número de imagens semelhantes, ela favoreceu pra que outras experimentações fossem feitas em muito menos tempo, podendo se permitir errar sem a preocupação de perder material, por exemplo. Com a fotografia digital o resultado do *click* pode ser observado instantaneamente, contribuindo para o planejamento de como a fotografia será tratada, se essa for a intenção. Man Ray utilizou o processo de solarização na fig. nº 5 que consiste na inversão dos valores tonais em áreas específicas da imagem fotográfica, causando o efeito de derretimento do corpo da modelo. Isso pode soar contraditório, já que a fotografia e o surrealismo se encontraram para gerar imagens que não fujam do real, mas sim o transforme para além de simples representações gráficas.



Fig. nº 5 Man Ray, Primazia da matéria sobre o pensamento, 1929 – Rossalin Kraus – O Fotográfico, 2002, pág. 183

Dubois (1993) descreve que:

“o ato fotográfico implica não apenas um gesto de corte na continuidade do real, mas também a ideia de uma passagem, de uma transposição irreduzível. Ao cortar, o ato fotográfico faz passar para o outro lado; de um tempo evolutivo a um tempo petrificado, do instante à perpetuação. Dos movimentos à imobilidade, do mundo dos vivos ao reino dos mortos, da luz às trevas, da carne à pedra.” (Dubois, 1993. p.168),

Sendo assim, pode-se dizer que toda fotografia tem intrínseco um cunho surreal. O que me motivou a realizar esta pesquisa, utilizando as interfaces digitais foi a percepção de que o comum, o mundano, o cotidiano também é surreal. Esse conteúdo surreal é acentuado por uma visão carregada de sensibilidade, uma visão onde o belo se encontre deslocado de parâmetros sociais e se mostre único e atemporal, na intenção de realização pelo fotógrafo.



Fig. nº 6 fotografia, de Guma Streb, 2016

Os espelhos utilizados nas composições operam de variadas maneiras; eles não só eliminam as demarcações de espaço como desorientam o olhar do observador, reinventando um novo olhar. A quebra de fronteiras que ocorre com a transformação do corpo duplicado reflete/rompe como limites da percepção humana. Existe aí uma ambiguidade naquilo que paradoxalmente reflete a realidade e, ao mesmo tempo, mostra algo virtual do corpo com o espaço. Reflexo de apenas imagens do momento, de uma forma efêmera talvez. Mas, considera-se que pode contê-las/conter por absorção própria e absorvê-las em uma continuidade que a fotografia concede. Enquanto na fig. nº 3 o corpo refletido aparece por inteiro em relação ao corpo presente, na fig. nº 6 o reflexo da modelo revela parte que o recorte fotográfico dissimula, dando continuação ao percurso do imaginário. São corpos que existem nesse mundo, porém fora de padrões onde a beleza tem conotações especificadas. A beleza aqui se encontra, na essência que surpreende e abre espaço para que o olhar também se transforme. Acredito que essa essência “oscila entre a descoberta de um sentido oculto e a produção de um sentido totalmente novo”, lembrando novamente de Eliane Robert Moraes (2002), se referindo a teorias do artista Max Ernst², sobre seu processo e suas ‘invenções surrealistas’ que visavam transfigurações.

²Entre essas invenções, a colagem, que se mostrou no campo surrealista como bem sucedida no desafio de desconstruir as relações conhecidas entre objetos e seres, fugindo de estereótipos, priorizando o que é randômico e relativo, tornando-as mais genuínas e espontâneas.

A fotografia está presente no nosso cotidiano quase que em tempo integral; estamos sendo bombardeados por imagens que ditam padrões cada vez mais específicos no que diz respeito a corpos. A inquietude que me causou perceber a fotografia servindo para impor padrões ao invés de questioná-los encontra fortes fundamentos no surrealismo. O artista brasileiro Fernando Braune escreveu a respeito desta temática específica e fomenta a discussão do assunto descrevendo motivos que originaram a base do projeto surrealista da seguinte maneira, segundo Braune (2010):

O projeto surrealista teve como balizamento o direto e objetivo afrontamento à passividade, ao enfado, à alienação, enfim, a toda racionalidade que a modernidade acabou por impor ao ser humano. O Surrealismo simbolizou uma luta no sentido de devolver ao homem a sua potencialidade criativa, retirando-o de uma estagnação paralisante e da alienação, ao libertá-lo das forças constrangedoras e opressoras de coação, fontes da lógica, da razão e da moral, com o intuito de promover a verdadeira harmonização entre as suas instâncias consciente e inconsciente (Braune, 2010. p. 7).

O surrealismo me convidou a buscar toda a potência contida na realidade que não se faz evidente. O ato fotográfico exige a sensibilidade de um trabalho atento que conjugue a inteligência com a emoção criativa na busca de uma obra completa. Nesse processo criativo, percebi que a fotografia tem a força de acentuar aquilo que nela não está contido; o que fica implícito e convida a explorar realidades alternativas oferecidas pelas imagens recriadas e oferecidas a dispostos a mergulhar nesse mundo onde a realidade vem carregada da subjetividade da imagem.

3 - CORPO NU POR UMA ESTRANHEZA POÉTICA

O processo fotográfico no decorrer da pesquisa, caminhou entre extremos; da realidade tal qual a vemos à realidade imaginada pela criação artística. Aqui essas realidades se encontram abrindo espaço para tudo que fascina, a que seduz, que atrai e, ao mesmo tempo causa repulsa, amedronta ou gera um estranhamento que instiga a curiosidade de quem observa. Nessa pesquisa o conceito de beleza serviu-me para dar seguimento ao deslocamento do que é considerado belo dentro de conceitos clássicos atravessando as mais diversas situações, procurando e apontando o valor contido no desagradável, no grotesco e em tudo aquilo que, até então, era considerado comobanal e fora das normas estéticas vigentes. Cortar o

corpo salientando pedaços refletidos desequilibra a percepção moldada pelas vivências que temos cravadas em nossas criações, desvinculando a sensualidade inata para dar o foco ao estranho, mas, instigante, num corpo humano retrabalhado com suas mais variadas formas, tamanhos e texturas. A beleza do que afronta, que causa impacto real, jamais será percebida por olhos cansados e acostumados, apenas aqueles que se arriscam a observar além do que já estão confortáveis a ver podem usufruir das experiências que a percepção surreal pode oferecer. Como escreve Braune (2010):

“O gosto surrealista de beleza afina-se com a atividade fotográfica, que procura o belo onde os olhos menos atentos o ignoram, debruçando-se sobre a fealdade e revelando o maravilhoso através da descoberta de imagens de assuntos e lugares jamais considerados como tal. A beleza fotográfica, que é eminentemente surrealista, encontra ressonância no envolvimento emocional, na comoção com a cena fotografada, transformando-se numa questão interna, que vai depender das experiências e vivências culturais, sociais e psicológicas de cada espectador, sem permanecer atrelada a um conceito externo, absoluto.” (Braune, 2010. p.20).

Ciente de que artista não cria para si só, busco transmitir a força que percebo na fotografia a quem observa; o observador com suas vivências culturais é convidado a participar de uma dimensão desconhecida, aguçando sentidos que ao longo do tempo vão sendo sufocados pela robotização da humanidade. Diferente da pintura onde o artista pode imaginar o que será representado e criar uma imagem a partir do nada, na fotografia isso não é possível sabendo-se que a câmera não inventa composições, mas sim recorta as mesmas do plano real para um plano eternizado. Com o avanço da tecnologia, já é possível inserir elementos na composição que não estavam presentes no momento da captura da imagem. Durante meu processo criativo, pude explorar essas duas formas de pensar e fazer a fotografia, tanto transformando o real com apenas o recorte fotográfico quanto com a manipulação digital da imagem. Conforme fui explorando diferentes ângulos e pontos de vista não convencionais, logo percebi distorções de perspectivas muito interessantes, tratando-se de transfigurações ‘reais’ do corpo.



Fig. nº 7 fotografia, de Guma Streb, 2016

Colocar as extremidades do corpo fotografado em evidência, trazer pés e mãos para o primeiro plano da composição fotográfica, fez com que as proporções, as quais estamos acostumados, dessem lugar a formas e tamanhos novos, aumentando as possibilidades diferenciadas de percepções de quem observa. Na Fig. nº 7 o corpo existe na ausência do seu próprio todo, onde a força que emana de suas características escultóricas se concentra exatamente nas distorções causadas pela perspectiva forçada que foi usada intencionalmente para que o corpo ganhe novas formas de interpretação.

4 - CORPO MATÉRIA – CORPO INDIVIDUO – CORPO FINITO

Se a nudez permanece um tabu na sociedade conservadora, através da arte que ela encontra sua real expressão. Ficar nu em público, mesmo que não fazendo absolutamente nada, além de estar sem usar roupas, é considerado um crime de atentado ao pudor. Com estas regras sociais, para alguns, o corpo foi sexualizado por completo, estar nu já está sendo vinculado a algum tipo de erotismo quase sempre instantaneamente. Essa insistência em associar o corpo nu a sexualidade precisa, no meu ponto de vista, acabar, ou no mínimo, diminuir. Nossos corpos não podem e não devem ser resumidos a conotações meramente eróticas/erotizadas. Cada corpo é composto por conjuntos de diferenças que vão muito além de sua sexualidade. Essas diferenças são gradativamente acentuadas com a ação do tempo, transformando e ressaltando detalhes únicos em cada um de nós.

Historicamente, a nudez tem uma ligação estreita com ideais de beleza e harmonia. Atualmente, ela vem sendo inserida como forma de crítica e desgosto perante tantos estereótipos criados. Cada vez mais as pessoas estão sendo condicionadas a buscarem por padrões ideais de corpos, para que assim se sintam bem. Através do enfoque em situações e ambientes desconfortáveis, o corpo atua como matéria da fotografia, onde a carne mesmo estática ainda pulsa e cria um paradoxo entre a realidade representada e a realidade transformada.

A utilização dos espelhos dentro do surrealismo não é nenhuma novidade. Porém, os corpos que agora vivem e podem ser fotografados são outros, com suas inúmeras particularidades acentuadas pela ação artística do fotógrafo.

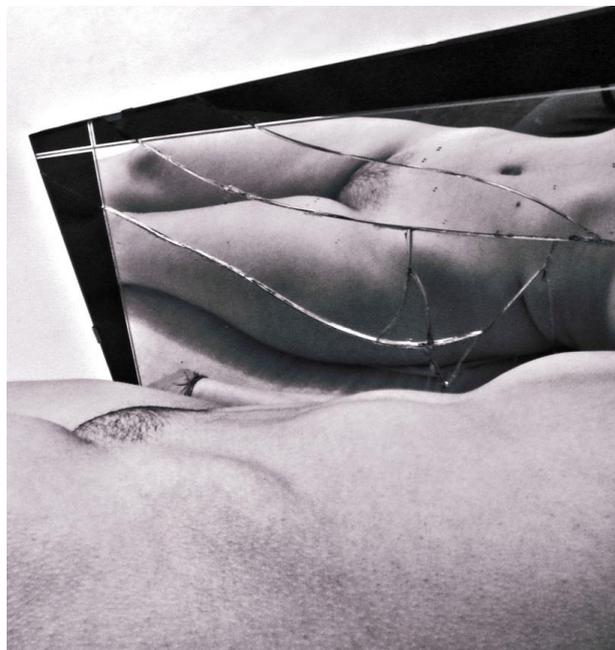


Fig. nº 8 fotografia, de Guma Streb, 2016

Enquanto os padrões estipulados pela mídia forem considerados a única forma de beleza aceita, os corpos que não se encaixam nesses padrões, por não se sentirem bem, aos poucos, vão deixando de existir. Humanos condicionados a buscarem por modificações corporais, muitas vezes através de cirurgias, para que se sintam mais parecidos com o que a mídia estipula através de propagandas. Na Fig. nº 7 o recorte feito pelo espelho é rebatido fora dele com o enquadramento que buscou uma imagem adquirida me posicionando abaixo do corpo, destacando assim a linha de sua silhueta. Esta linha não vai ser encontrada em outro lugar, pois foi vista pelo olhar do fotógrafo que lhe conferiu a singularidade desejada.

Observando detalhes, gestos e expressões, o meu olhar através da câmera busca fazer do corpo fotografado um corpo singular. Reforçando o surreal de forma particular adotei dois métodos de trabalho que pudessem atender meu objetivo nesta pesquisa. O trabalho da transformação, após a realização das imagens, sustentou-se nestes dois métodos: a edição, que interfere somente nas texturas e iluminação, e a criação de fotomontagens, técnica muito utilizada por fotógrafos surrealistas de forma analógica. Como toda poética foi fazendo com que pudesse aprimorar a técnica e explorasse composições em que corpos dividem o espaço/momento com objetos, e também multiplicasse os corpos, utilizando a sobreposição de fotografias, de modo que a sur(realidade) da imagem do corpo se tornasse cada vez mais evidente, visto que este é o objetivo fundador deste trabalho.

5 - DA IMAGEM À IMAGEM FOTOGRÁFICA – IMAGEM EM AÇÃO: *STOP MOTION – GIF*

Não satisfeito com as experimentações feitas apenas com a característica de congelamento/permanência estática da imagem, decidi explorar o movimento que a fotografia pode gerar através de outras duas linguagens bastante conhecidas: *gifs* e *stop motion*. Os *gifs* são amplamente usados na internet, de forma cotidiana, para a expressão pessoal em meio a várias situações de contato online. Cenas de filme e desenhos animados podem facilmente se tornar *gifs*, onde ficam infinitamente repetindo o movimento de uma cena recortada. Essa possibilidade me permitiu recortar e transmitir movimentos bastante sutis nos quais me identifico demasiadamente, onde encontro beleza e um sentimento peculiar de existência e pertencimento ao que diz respeito a ser humano.

Decidi dar vida aos objetos utilizados nas configurações de minhas fotografias e trouxe as molduras e espelhos para contracenar mais uma vez com a modelo nua em um experimento com *stop motion*. Esta linguagem também foi utilizada durante o movimento surrealista por Man Ray e Salvador Dali, influenciando diretamente mais uma vez na minha jornada enquanto pesquisador de tudo o que se diz relacionado ao surreal. A surrealidade que permeia essa área se faz explícita com composições simbólicas e completamente impossíveis para a realidade em que existimos. Tudo

isso é tão surreal quanto real, a barreira entre a realidade e o fantástico deixa de existir, embora sem a percepção e comprometimento de produção, jamais teriam surgido para causar as mais variadas reflexões. Quanto mais fui adentrando a dimensão infinita do que o surreal representa (ou eu deveria dizer transforma?) foi que pude dar destaque pro que permeia o insignificante, o mundano completo, aquilo que para muitos não tem a menor importância.

Objetos que giram incessantemente sob o próprio eixo, sem sair do lugar, em um eterno movimento repetido sem início e fim. A modelo que desafia a musculatura humana com bruscos recortes abruptos para a composição da movimentação. Consegui essa movimentação 'quebrada' deixando espaços vazios durante o percurso que os braços da modelo seguem, como pode ser visto nas fotografias a seguir:



Fig. nº 9 e nº 10, de Guma Streb, 2017

O experimento contou com 8 cenas individuais que possuem em comum a movimentação em forma contínua e incessante. Tudo gira sem sair do lugar, participando de um ciclo infinito que não tem início, meio ou fim. Para cada cena executei um pequeno ensaio, onde fotografei cada componente por volta de 15 a 20 vezes, assim, conseguindo fechar a movimentação em 360 graus, para que a cena animada permaneça em *looping*. A variedade de possibilidades com essa linguagem é enorme, tanto para a produção de cenas mais elaboradas quanto para cenas com movimentos bem sutis, funcionando assim como *gif*. Para acompanhar as cenas gravei o áudio que utilizei com um piano, usando o gravador do celular. Sincronizei a mudança de cenas com as notas mais enfáticas que podem ser ouvidas na trilha. O resultado ficou com menos de 2 minutos de duração, com uma ambientação

bastante desconfortável e até mesmo desconcertante devido a trilha desordenada e sem ritmo constante.

6 - EXPOSIÇÃO – TRANSFORMO/TRANSTORNO

No final do primeiro semestre de 2018 pude realizar minha primeira exposição individual como fotógrafo. Foi uma ótima experiência poder entrar em contato com o processo de curadoria e montagem/expografia. Conversando com a curadora tive bastante liberdade para que a montagem pudesse ser pensada de acordo com o que meu trabalho dialoga. Nas obras constaram partes de toda a minha trajetória enquanto artista, desde 2013, quando vi na fotografia um meio de expressão, visto que esta linguagem artística correspondeu ao meu desejo de construir este trabalho nas artes visuais.

Assim como trabalhei com a desconstrução do corpo, como foi mostrado na exposição, utilizei a possibilidade da criação de painéis, onde dividi minhas fotografias em pedaços menores para custear as impressões. Essa linguagem ainda aproxima mais intimamente o observador das obras com relação a forma como as impressões foram feitas, através de *xerox* com baixo custo, material cotidiano e bastante comum na rotina de estudantes universitários, por exemplo. Os resultados ficaram interessantes pela forma de visibilidade diferenciada que causaram dentro de uma sala fechada. Grandes painéis fotográficos são colocados diariamente no cotidiano das pessoas por meio de propagandas enormes que bombardeiam sempre que podem um padrão/conteúdo estético a ser almejado. A qualidade das impressões permitia olhares múltiplos onde de longe, a imagem grande, robusta, se fazia presente e imponente, mas de perto, já era granulada, frágil, aproximando o público, trazendo o vínculo que o real e o surreal abraçam.

Todos os itens utilizados para contracenar com as modelos estavam presentes na exposição. Molduras e espelhos estavam todos lá. A reprodução estava coexistindo com a origem. O reflexo dos visitantes se misturou com as fotografias compostas pelos espelhos, unindo os observadores a obra e trazendo a sensação de proximidade com aquela ambiência surreal. As molduras flutuavam no ar, penduradas de formas estratégicas onde podiam ser feitos enquadramentos diferenciados das fotografias próximas, como pode ser visto nos registros que foram feitos no final da exposição:



Fig. nº 11 e nº 12, registros da exposição TRANSFORMO/TRANSTORNO de Guma Streb, 2018

Acredito que por mais que possa ser feita a separação da obra do artista, é impossível separar o artista da obra. O título escolhido trata diretamente da minha condição enquanto ser humano, de transformação daquilo que me transtorna. As fotografias que se assemelham a linguagem *glitch art* exemplificam com mais força toda a desordem e perturbação que me refiro. Imagens em que a modelo perde totalmente a identidade, deixando resquícios de alguém que por um momento esteve ali, por inteiro. Meu processo criativo acontece entre picos de fragilidades extremas, sensações inexplicáveis, inevitavelmente transpareço traços de tudo isso no meu trabalho.

Este momento da pesquisa ainda demonstra a constante transformação que o ser humano esta fadado a enfrentar, mesmo que inconscientemente. Infindáveis metamorfoses onde minha gana por algo indescritível tange a existência que só é percebida por quem sofre da incapacidade de se manter em paz. Imagens milimetricamente desconectadas, onde cada linha fragmentada foi minuciosamente alterada de sua posição inicial, de onde foi cortada no momento do 'instante decisivo', como já argumentou Cartier Bresson (1952). A dificuldade de se reconhecer, de autenticar a própria imagem foi o que desencadeou essa série de

desconstruções onde a forma que a modelo possui está completa, porém desconexa.



Fig. 13 Desajustes nº 1e nº 2, de Guma Streb, 2017

No corpo nu desconcertado, disforme, quase que censurado por si mesmo, onde suas curvas e volumes se perdem por desconexões que surgem do próprio corpo sobreposto em geometrias que dialogam com a linguagem da *glitch art*, mas não nascem da alteração de códigos da imagem e sim da minúcia aplicada a cada linha, da alteração singular de cada região modificada, onde tiveram atenção específica para sua produção.

Durante o período da exposição fui bolsista da sala Claudio Carricone e pude observar de perto várias reações do público. Muitas das pessoas que foram visitar a exposição me perguntavam se eu conhecia o artista que estava expondo, sendo que algumas delas falavam sobre as obras sem ter a mínima ideia de que eu era o artista em questão. Ouvi vários relatos de como muitas das fotografias transmitiam a sensação de solidão, algo que nunca busquei representar conscientemente, mas que me deixou bastante surpreso, pois realmente me sinto muito sozinho. Disseram também, que por em grande maioria não aparecerem rostos, sentiam algo relacionado a não pertencimento, a isolamento. Tudo isso pode ser facilmente associado aos problemas pelos quais passo diariamente como

alguém que lida com ansiedade e depressão. Na série exposta intitulada Desajustes, o rosto da modelo está todo ali, mas completamente fragmentado. É como se eu não pudesse visualizar a identidade do outro por inteiro, decodificando o que enxergo, fracionando as informações por não possuir uma imagem a qual me identifico por completo também. O uso dos espelhos durante o processo também pode ser vinculado a isso. A imagem que aparece refletida já não é algo real, sendo ainda novamente transformada pelo processo fotográfico, entrando no imaginário surrealista que foi desenvolvido a partir de minhas reflexões enquanto estudioso da área que abrange a fotografia como meio de materialização do surreal imaginário.

Em determinado momento do processo da pesquisa os reflexos foram abordados através do rebatimento de imagens, feitos através de manipulações digitais. Composições na sua maioria simétricas, geradas com pedaços humanos que, ainda que mutilados, transparecem vida, ainda continuam com suas características de carne que pulsa e respira, como pode ser visto nas fotografias abaixo:



Fig. 14 Olho_o_olhO, fotografia de 2015, de Guma Streb



Fig. nº 15 fotografia, de Guma Streb, 2015

A partir das experimentações feitas através de simetrias desenvolvidas com o uso de softwares, percebi no corpo em si o potencial para que isso aconteça sem edição alguma, apenas com o uso de modelos. Trabalhando de diversas possibilidades em torno das modelos pude cautelosamente encontrar composições em que os corpos se espelham naturalmente, gerando a simetria que eu buscava, dialogando com os reflexos adquiridos com os espelhos em outros momentos da pesquisa. Fiz um ensaio com duas modelos, de estaturas parecidas, mas com suas particularidades bastante delicadas e poéticas, sinais com os quais nasceram, estrias, pelos, tatuagens, cada uma com sua história. As fotografias aconteceram no atelier da universidade, mesmo local onde foi desenvolvido o ensaio com as molduras e a mesa.



Fig. nº 16 fotografia, de Guma Streb, 2018



Fig. nº 17 fotografia, de Guma Streb, 2018

Neste ensaio foi onde a influência que Ren Hang teve sobre o meu trabalho ficou mais evidente. Composições delicadas, onde dois corpos se completam ao mesmo tempo em que dão continuidade um para o outro. O fotógrafo chinês desafiou sua pátria com a arte que buscou desenvolver. Através de composições extremamente ousadas feitas com a participação de seus amigos como modelos, Ren Hang ultrapassou todo e qualquer limite no que pode ser considerado até

pornográfico. Chegou, inclusive, a ser preso devido à exposição de corpos nus em suas fotografias. Por outro lado, seu trabalho não se constitui apenas desse tipo de abordagem do corpo nu, tendo em contra ponto a essas fotografias escrachadas de órgãos sexuais, composições de extrema sensibilidade e leveza, como no exemplo a seguir:



Fig. nº 18. Untitled, 2016 © RenHang

Os ambientes internos utilizados pelo artista chinês também serviram de referência para muitas de minhas fotografias. Acompanhando o trabalho deste fotógrafo foi que percebi que teria a capacidade de desenvolver uma pesquisa tão forte e potente quanto a dele. Os lugares são extremamente simples em muitos de seus ensaios, como salas vazias onde apenas uma parede em branco já é o suficiente para contrapor com os corpos nus. Percebe-se neste exemplo de fotografia do artista que suas modelos também não compactuam com estereótipos de beleza, tendo pelos em suas axilas, comportamento fora dos padrões chineses. Pude assistir a vídeos de entrevistas e sobre o processo criativo de Ren Hang, onde

percebi que suas etapas até o resultado final de suas fotografias se encaixam perfeitamente na descrição do 'fazer fotográfico', desenvolvido por Kossoy (2009)³.

Após selecionar o ambiente e os itens que vão contracenar com suas/seus modelos, o fotógrafo chinês posiciona tudo de acordo com o que deseja e parte para a visualização da cena através de sua câmera, onde constantemente se locomove buscando pelo enquadramento desejado. Neste ensaio em que fotografei duas modelos juntas, posicionei cada gesto e movimento de todas as composições. Nada aconteceu por acaso, como já havia sido explorado no ensaio feito outdoor. Nesta experimentação, já cheguei ao local escolhido com algumas ideias de composições pré-planejadas, onde as adaptei de acordo com a capacidade de elasticidade e disposição das modelos. A iluminação do local não foi alterada, usei a luz natural que entrava na sala do atelier pela janela, porém, na etapa final do processo, ajustei alguns pontos específicos utilizando o software digital *Photoshop CS6*.

³Kossoy também elenca etapas que são caracterizadas como diferentes fatores que se interligam no entendimento do fazer fotográfico: a realidade do tema em si, a realidade vislumbrada no público da época, a nova realidade das épocas posteriores ao contexto da imagem, e por fim, a realidade de quem não experienciou um contato direto com a circunstância da imagem.

7 - CORPO INTRINSECO SURREAL

Somente experimentando as diversas possibilidades de criação centrada no corpo nu foi que pude perceber com mais preciosidade sobre o que busco com a pesquisa. A inserção de objetos que contribuem com a ambiência surreal foi algo importante, mas acaba que não caracteriza o surreal, inerente ao corpo em si. Há um caráter acessório imbuído nesse processo. Isto além de ter a propriedade de ambientação no contexto da cena, ofusca os diversos e amplos aspectos do surreal que o corpo humano é capaz de apresentar sozinho. Evidenciar a surrealidade inerente ao corpo por si só se tornou o objetivo de prioridade. O corpo e a luz são tudo o que preciso para trazê-la à tona. Com a modelo contracenando com a própria sombra, consegui representações nas quais a transformação que ocorre apenas pelo “ato fotográfico”⁴ (Dubois, 1993) já é o suficiente.

Nas figuras nº 19, 20, 21 e 22 é mostrada de forma explícita a capacidade do corpo em transcender sua forma e dar origem ao que a interpretação individual, de acordo com suas particularidades, pode alcançar. A modelo decaptada pelo ângulo encontrado devido a intensa movimentação na cena tem seu corpo já pertencente ao âmbito surreal que instiga a apreciação do detalhamento não convencional, adquirido através da maleabilidade da modelo em relação a sua sombra projetada. Os reflexos dos espelhos, a simetria entre dois corpos, o espelhamento de imagens, tudo culminou para a extensão do corpo por sua sombra, que acabou apresentando um papel preponderante.

⁴- A fotografia é referida como capaz de revelar o real, através da transmutação do real. A foto não se trata mais, portanto, de mera imagem: o fruto de uma ação baseada em técnica, o simples resultado de conceber, uma imagem que não traga contemplação. Está inerentemente atrelada a um conjunto.



Fig. nº 19, fotografia, de Guma Streb, 2018

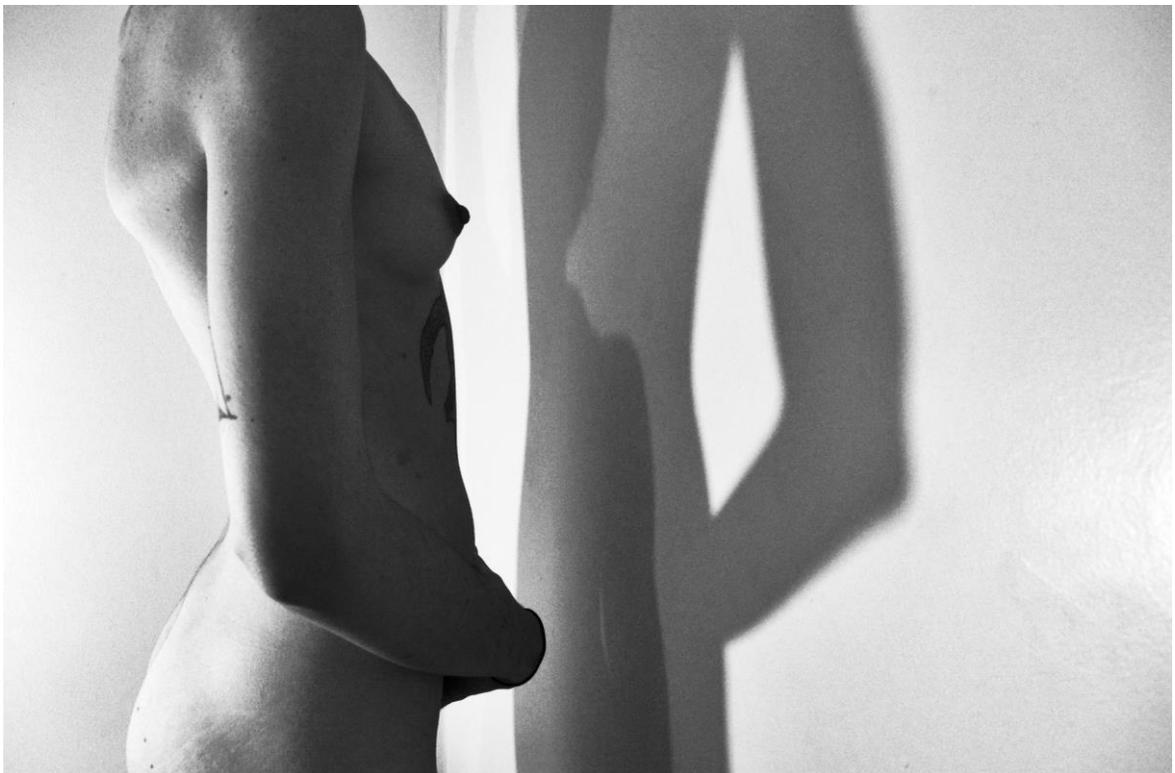


Fig. nº 20, fotografia, de Guma Streb, 2018

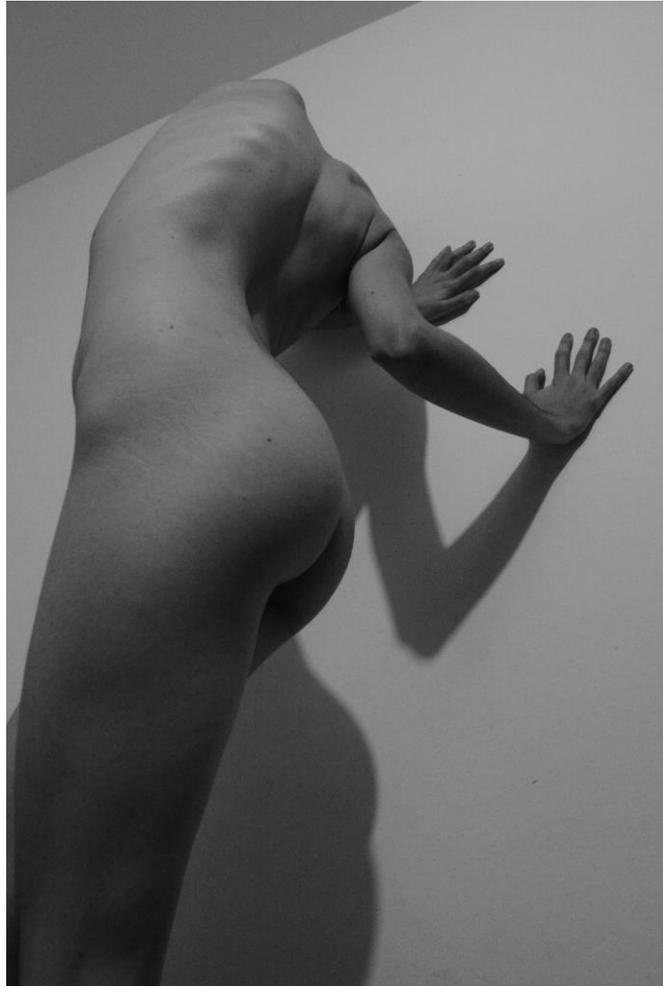


Fig. nº 21, fotografia, de Guma Streb, 2018



Fig. nº 22, fotografia, de Guma Streb, 2018

O corpo que contracenava com sua imagem projetada pela luz transborda suas características surreais eminentes, existindo na ausência do seu próprio todo, mutilado pelo recorte fotográfico. Assim, o corpo entre o real e o surreal fotográfico comprova sua existência por si só, com sua autossuficiência na capacidade de extrapolar os limites da realidade através do fazer fotográfico. Braune (2010) pontua que a busca por essa autonomia não apenas capacita um meio de expressão (como a fotografia) para poder se fundir com outras linguagens sem perder o que lhe é *sui generis*⁵, como também tem sido percebida com caráter de naturalidade nas artes plásticas, sendo capaz de proporcionar “(...) uma depuração, uma espécie de catarse, com o objetivo de despoluir-se, principalmente, de tudo o que não é seu para tornar-se plena, independente” (p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, pude compreender melhor a relação que a realidade possui com a surrealidade fotográfica. A fotografia fornece ao corpo as possibilidades necessárias para que sua forma se caracterize por ultrapassar os limites do real. Foi ao observar atento ao gestual corporal cotidiano que pude dar destaque a movimentos que evocam o surreal que coexiste com a realidade. A popularização da fotografia digital contribuiu com a experimentação dos variados processos apresentados até então, devido ao fácil acesso a informações, referentes a técnicas de tratamento de imagem e funcionamento da câmera fotográfica. Muito desse avanço tecnológico é utilizado para reforçar ideais de beleza tantas vezes inalcançável pela grande maioria das pessoas. Com a liberdade para usufruir das possibilidades oferecidas pela fotografia, foi que salientei as minúcias que o corpo possui, enfatizando as oportunidades que um olhar primoroso pode retratar.

A relação íntima entre o corpo e seu próprio reflexo resultou em uma transformação para além do processo fotográfico. A percepção da minha própria imagem sofreu severas alterações e me impactaram como ser humano. Inúmeros questionamentos existenciais e filosóficos surgiram perante a dedicação de captar e arrancar do tempo parcelas da existência onde o subconsciente atua de forma contínua de maneira que do imaginário a imagem final se faça. O reconhecimento da

⁵ Do latim, diz-se como algo próprio, singular e ao mesmo tempo paradigmático entre os seus.

necessidade de aceitação do próprio corpo foi trazido a superfície através de constantes indagações sobre os padrões corporais exaltados nos grandes veículos de informação. Aprender a gostar do diferente, do incomum, e perceber que cada uma das peculiaridades que os corpos oferecem são exatamente o que torna cada um deles tão raro. É nessa raridade que a arte se funda, pois a beleza para o artista é da ordem do surpreendente, do sublime e não da beleza canônica ou socialmente codificada.

Houve momentos em que a pesquisa inteira parecia não fazer sentido nenhum. O artista contemporâneo Ren Hang, influência primordial na minha pesquisa, cometeu suicídio no início do ano 2017. Particularmente, acredito que ele tenha alcançado um patamar de expressão artística através da fotografia jamais antes visto. O impacto que suas fotografias me causaram tornou viável toda a minha produção apresentada. O processo criativo sofreu com inúmeras crises em que continuar buscando por maneiras de causar reflexões pertinentes através da criação fotográfica já não era mais suficiente. Cada momento em que me deparei com resultados satisfatórios, mesmo que por poucos instantes, foram essenciais para que a busca continuasse. Conseguir exprimir a exorbitante e intransferível essência do ser humano nunca será uma tarefa fácil; foi através da fotografia que encontrei voz para poder instigar a reflexão daquele que observar com prudência, os momentos registrados que trago até aqui. No entanto, esta etapa concluída não significa um fim em si mesmo, pois toda pesquisa indica novos caminhos e novas possibilidades de criação artística.

REFERÊNCIAS

BRAUNE, F. - **O Surrealismo E A Estética Fotográfica**– Belém : 7 letras, 2010.

CARTIER-BRESSON, H. - **O Instante Decisivo** – New York : Simon & Schuster, 1952.

DUBOIS, P. - **O Ato Fotográfico**– São Paulo : Papirus, 1993.

FLUSSER, V. - **Filosofia Da Caixa Preta**- São Paulo :Hucitec, 1985.

JEUDY, H. P. - **O Corpo Como Objeto De Arte**– São Paulo : Estação Liberdade, 2002.

KOSSOY, B. - **Realidades E Ficções Na Trama Fotográfica**– São Paulo : Ateliê Editorial, 2009.

KRAUSS, R. - **O Fotográfico** – Barcelona : Gustavo Gilli, 2002.

MORAES, E. R. - **O Corpo Impossível**– São Paulo : Iluminuras, 2002.